



EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA (I)

PARA COMEMORAR o primeiro centenário da Independência do Brasil, cogitou-se, a princípio, de uma Exposição Nacional; depois, de uma Exposição Continental Americana; por fim, prevaleceu a idéia de que a feira fôsse Internacional, dando, assim, possibilidade a que nações de todo o mundo pudessem abrilhantar com a sua presença a data máxima do nosso país.

Confiada ao Prefeito do Distrito Federal, Dr. Carlos César de Oliveira Sampaio, a realização do importante empreendimento, tratou êle, em primeiro lugar, de escolher um local apropriado e digno de tão solene comemoração. Como já estivesse em execução, desde novembro de 1920, o plano de arrazamento do morro do Castelo, não hesitou em propôr que o grandioso certame se realizasse no atêrro a ser formado em frente ao antigo bairro da Misericórdia.

Escolhido, assim, o local, foi iniciada imediatamente a delineação dos trabalhos e organizado o projeto geral da Exposição, por uma comissão de ilustres engenheiros e arquitetos patricios.

“A minha intervenção se fêz sentir intransigentemente — declarou Carlos Sampaio — na remodelação do velho Arsenal de Guerra, situado na Ponta do Calabouço, a fim de conservar-lhe as características de obra dos tempos coloniais, que, por sua grandeza e imponência, deveria, quase por si, permitir a realização da Exposição”.

A arquitetura dos palácios e pavilhões, a arborização, o calçamento, a distribuição de água e esgotos e todos os demais serviços inerentes a uma grande feira de amostras, tais como a instalação de restaurantes, parque de diversões, postos de assistência e bombeiros, etc., que deveriam satisfazer pela beleza, segurança e conforto, tudo foi objeto de minucioso e acurado estudo. E, para ocorrer às despesas, lançou o Governo os “Bônus da Independência”, a 20\$000, com direito a 10 entradas no recinto da Exposição, além de prêmios mediante sorteio.

Afluiram trabalhadores de todos os recantos do país e, em breve, turmas de milhares de operários revezavam-se dia e noite na construção da obra majestosa.

Os trabalhos de arrasamento do morro do Castelo executavam-se por dois processos: por meio de máquinas escavadoras e por desmonte hidráulico, com o auxílio de enormes bombas de alta pressão. Enquanto isso, o atêrro das praias da Lapa e de Santa Luzia se alastrava; a ponta de Leste da cidade progredia rapidamente, avançando 500 metros na direção da ilha de Villegaignon.

Em poucos meses já estava aberta e calçada a Avenida das Nações (hoje Presidente Wilson) e quase prontos muitos edifícios de belíssima arquitetura: o Pavilhão dos Estados, o das Grandes Indústrias, das Pequenas Indústrias, da Fiação, da Estatística e o de Caça e Pesca, o Palácio das Festas, os pavilhões da Inglaterra, Estados Unidos, França, Portugal, Itália, México, Argentina, Japão, Bélgica, Suécia, Noruega, Dinamarca, Tchecoslováquia e outros.

Finalmente às 4 horas da tarde do dia 7 de setembro de 1922, foi oficialmente inaugurada a Exposição. À solenidade compareceu o Presidente da República, Dr. Epitácio da Silva Pessoa, embaixadores e enviados das nações amigas, ministros de Estado, senadores, deputados, magistrados, militares, professores, representantes do comércio e da indústria, além de compacta massa de povo.

“Nenhuma linguagem falará melhor — acentuou o Ministro do Interior, Dr. Joaquim Ferreira Chaves, no seu discurso de abertura — do que o certame que hoje inauguramos. Ele não se realiza como pretexto para festins, mas como demonstração de esforços extraordinários de inteligência consumidos num século de atividade, em quase todos os ramos de trabalho. Haverá aí mostras desse passado. Umas servirão para acentuar como os povos devem guardar certos patrimônios legados por seus maiores; outras servirão para abrir os olhos aos que se aferram à rotina, e hão de constituir, pela comparação com os produtos aperfeiçoados aqui expostos, benéfico estímulo para melhorar e progredir”.